

Profetários de todos os Países, UNI-VOS!



O Militante

BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

MAIS UM ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA DE OUTUBRO

Por SOARES

É inegável que os povos do mundo inteiro concentram hoje a sua atenção na grande Potência que há 41 anos implantou a primeira Sociedade Socialista.

A grande maioria, porque vêem nela um brilhante exemplo para a construção dum futuro cada vez melhor para a humanidade. E uma minoria que constitui a reacção imperialista e capitalista por compreender ser a URSS a principal força oposta à sua política de guerra e de exploração do homem. Mas é um facto, que todos são levados a reconhecer-lhe, os enormes êxitos nos mais diversos domínios e que se acentuam progressivamente ano após ano.

Não se passa um só dia sem que na União Soviética se dê um novo acontecimento: um Sputnik; uma Central ou quebra-gelos atómicos; um foguetão que conquista os espaços; uma nova máquina ou a descoberta de uma preciosa mina nos seus territórios imensos. Por outro lado o ritmo do desenvolvimento industrial permite-lhe aumentar constantemente a produção em geral, ultrapassando nalguns casos a própria América do Norte.

Em relação à habitação constroem-se cerca de 2 milhões e 100 mil casas por ano, segundo diz o Sr. Paul Reynaud—político representante da grande burguesia francesa— que conclue afirmando que em proporção, a França deveria construir 450 mil anualmente, mas constrói apenas 280 mil.

A atenção dedicada pelo Estado à instrução e à cultura, o carinho e as facilidades concedidas à investigação científica fez com que a União Soviética caminhe à frente dos outros países no alargamento do conhecimento humano. Os números neste campo são claros e elucidativos: mais de 50 milhões de pessoas estudam em diversas escolas e cursos. Acrescente-se ainda que das escolas técnicas Soviéticas saem todos os anos 80 mil engenheiros, enquanto que nos Estados Unidos formam-se apenas 30 mil. Sobre o nosso País que falem os cientistas e artistas não só das dificuldades económicas que atravessam mas também do desprezo e entraves à criação e descobertas, postos pela política obscurantista do governo.

Na URSS não existe desemprego, nem crises. O nível de vida dos trabalhadores sobe constantemente. Entretanto que se passa, por exemplo, no nosso país? É arrepiante. Os trabalhadores de todo o Alentejo, a braços com o desemprego quase permanente, com fome e miséria, que respondam. Que respondam os operários corticeiros, conserveiros e textéis que assistem ao encerramento das fábricas e à redução constante dos dias de trabalho. Que se pronunciem os pequenos e médios agricultores e industriais, cheios de dívidas e com os produtos armazenados. Não é só em relação ao nosso pequeno país que o contraste se manifesta. Nos Estados Unidos o mais desenvolvido dos países capitalistas, o número de desempregados atinge já cerca de 6 milhões e a crise continua com todo o seu cortejo de misérias.

As vozes caluniadoras contra a União Soviética e os restantes países Socialistas, de que existe lá escravatura e miséria são desmentidas pelos factos. O regime Socialista implantado há 41 anos permitiu que ao fim de 40 anos a produção industrial na URSS fosse 33 vezes superior à de 1913, e a produção de máquinas, metais, combustíveis, etc. 74 vezes. Que em 1957 o número de tractores atingisse 1 milhão e 577 mil; o de ceifeiras-debulhadoras, 385 mil, além de milhões de outras máquinas, permitiu que se valorizasse, num espaço de 3 anos, 35 milhões e 900 mil hectares de terras virgens e de baldio, registando-se um aumento na superfície cultivada de 38 milhões de hectares.

Assim se justifica que a produção de trigo tenha quase duplicado a de 1913 e a do algodão e de beterraba açucareira triplicado.

Muito teríamos ainda que enunciar pois os incalculáveis progressos assinalam-se em todos os ramos. Haveria muito a dizer também sobre as relações amistosas e de igualdade bem como sobre o auxílio fraterno levado a cabo pela URSS aos outros países. Nela não existe outro fim a não ser: **a paz mundial e o bem estar de toda a humanidade.** Foi sob este signo que a URSS agiu nestes 41 anos, tanto interna como internacionalmente.

Em resultado da sua ajuda, com milhões de máquinas, centenas de fábricas, técnicos etc., a China Popular alcançou em 8 anos a fase correspondente aos primeiros 15 anos da edificação do Socialismo na URSS. Com o mesmo espírito de solidariedade, recentemente cedeu à República Árabe Unida 2 milhões e meio de contos para a construção da Barragem de Assuão. Sucederá isto com os países capitalistas? Quantas fábricas e máquinas modernas foram desinteressadamente cedidas, por exemplo, a Portugal pelos Estados Unidos? Só se foi para a construção de bases militares para cá se instalarem...

Este é um dos grandes contrastes entre os dois sistemas: Socialista e Capitalista. Têm razão os nossos

industriais da cortiça e da conserveira, bem como os respectivos operários, quando reclamam do governo relações comerciais e amigáveis com os países do socialismo, principalmente com a grande União Soviética. Está grande potência com recursos imensos ajudar-nos-ia, tal como já fez a outras nações, a vencer as dificuldades existentes.

As experiências colhidas pela União Soviética em 41 anos de socialismo com as dos demais países socialistas animam e impulsionam as ideias de centenas de milhões de pessoas que lutam para conquistar um mundo novo sem o horror da guerra e onde reine a felicidade e a amizade entre os povos e as nações.

Outubro de 1958

SOBRE A MOVIMENTAÇÃO

DAS MASSAS FEMININAS



Por VERGÍLIO

Já várias vezes tem sido levantado na imprensa do Partido, os embaraços que ao movimento de libertação do nosso povo causa o nível ainda deficiente em que se encontra a mobilização e a participação das massas femininas na luta económica e sobretudo na luta política nacional.

No Informe de Organização apresentado ao V Congresso pelo camarada João, de novo este problema foi abordado. E concretizou-se que os efectivos femininos do Partido representam apenas 7,6 por cento do total. Assim o atraso verificado na movimentação das massas femininas reflete-se naturalmente no número relativamente pequeno da sua vanguarda no Partido. Só um trabalho mais eficiente de todos os nossos quadros para eliminar este atraso, seguindo os pontos de orientação que sobre esta questão já estão traçados, aplicando com iniciativa e dinamismo as lições da experiência que já possuímos sobre o papel decisivo das mulheres na luta comum, poderá conduzir ao alargamento substancial da movimentação das mulheres pela melhoria das suas condições de vida e pela conquista definitiva destas condições melhores através da luta política. Este alargamento substancial terá, sem dúvida, um alargamento correspondente dos efectivos do Partido.

No entanto, para que nos possamos lançar a sério

nessa movimentação, parece justo, desde já, começar a fazer um esforço intenso para aumentar, ainda que não daquela forma substancial — para a qual nos faltam neste momento as condições de que se falou — esses efectivos femininos do Partido. Parece justo que lancemos desde já uma campanha para esse recrutamento das melhores mulheres, das mais combativas e lutadoras, entre as operárias, as camponesas, as intelectuais e as jovens, que venham engrossar activamente as nossas fileiras.

Teria interesse que cada organização fixasse mesmo, como objectivo imediato atingir determinada percentagem mínima de quadros femininos.

Depois haveria que fazer um esforço para que pelo menos aquele mínimo fosse realizado, dentro do espírito duma campanha intensiva a começar desde já.

Num país como o nosso em que o atraso cultural e ideológico é ainda mais pronunciado entre as massas femininas, que se prestam assim mais facilmente à influência reaccionária das classes dirigentes, o trabalho de mobilização dessas massas para a luta política e económica é fundamental. Há que nos lançarmos a ele e campanhas como esta apontada poder-nos-ão ajudar muito nessa luta. Para a frente pois, camaradas, entusiasmo e bom trabalho!

TRANSCRIÇÃO DAS RESOLUÇÕES DO V CONGRESSO

14—O V Congresso constata um afrouxamento dos cuidados conspirativos e certas faltas que põem em risco a segurança do Partido e a defesa dos quadros.

É indispensável combater o liberalismo, a indisciplina e a falta de vigilância revolucionária que podem acarretar ao Partido novos golpes policiais.

Deve estabelecer-se em todo o Partido uma rigorosa compartimentação de tarefas de acordo com o princípio de que cada camarada só deve conhecer aquilo que se relaciona com o seu trabalho.

Impõe-se modificar os nossos métodos de defesa contra a acção do inimigo tendo em conta as novas formas da repressão salazarista e o aumento do seu volume.

Ao mesmo tempo impõe-se a discussão de comportamento ante o inimigo, através da divulgação dos exemplos de firmeza e abnegação dados por muitos quadros que caíram nas mãos do inimigo, e também dos métodos empregados pela Polícia contra o Partido.

AS TAREFAS DO PARTIDO QUANTO À JUVENTUDE

Por OSCAR

O V Congresso do nosso Partido dedicou parte importante dos seus trabalhos aos problemas da juventude. A discussão travada coroou amplos debates que se vinham realizando desde há tempos nos meios juvenis, dentro e fora do Partido. A orientação saída do Congresso encontrou caloroso acolhimento entre os jovens progressivos que de já tiveram conhecimento. Porém, ampla discussão prévia, justas resoluções e bom acolhimento, por si sós, pouco adiantam: se as tarefas colocadas pelo Congresso a todo o Partido não forem por este levadas à prática, a situação real não se modificará, como se impõe.

Na sua intervenção no Congresso, o cam. Melo lembrou que «o nosso Partido só poderá desempenhar o papel histórico que lhe está destinado considerando o trabalho de mobilizar e unir a juventude como uma das mais urgentes e decisivas tarefas»; que «sem a participação massiva da juventude não pode haver movimentos de massas»; e que «é ao nosso Partido que cabe a tarefa de mobilizar as suas forças para auxiliar os jovens a lutar pelas suas reivindicações e anseios».

Decorrido um ano sobre a sua realização, cabe perguntar a todo o Partido: em que estemos quanto ao cumprimento efectivo das resoluções do V Congresso sobre o trabalho juvenil? Esta é uma questão que cada célula de base e cada organização local ou regional do nosso Partido deve colocar a si mesma e responder com espírito crítico e auto-crítico, para que no âmbito respectivo das suas responsabilidades tome as consequentes medidas concretas para recuperar atrasos e corrigir deficiências, onde as houver, e para incentivar por todo o lado, como o exigem os interesses da juventude, da classe operária e do nosso Partido, a aplicação prática das resoluções do V Congresso sobre o trabalho juvenil.

Breve balanço

Durante o ano decorrido desde a realização do V Congresso, a movimentação juvenil desenvolveu-se essencialmente no campo político, o que se explica pela importância excepcional dos acontecimentos políticos neste período. A jovem geração teve destacada participação nos vários aspectos da luta travada e, em alguns momentos e locais, a sua contribuição foi mesmo notável para a unidade e mobilização doutras camadas. O intenso trabalho de agitação e propaganda, as históricas manifestações de rua, a distribuição de listas e fiscalização do voto, etc., nas eleições presidenciais, só foram possíveis pela participação dinamizadora e ab-

negada de milhares de jovens, muitos deles despertados pela primeira vez para a luta política. O grandioso movimento grevista após as eleições, encabeçado pela valente classe operária das cidades e dos campos, contou igualmente com a participação e a acção de solidariedade de muitos jovens. Quais as deficiências fundamentais a notar?

1) A movimentação juvenil limitou-se quase só ao plano político, exceptuando algumas outras acções de massas juvenis, especialmente no sector estudantil universitário.

2) Não se alicerçaram ampla e profundamente à luta política as reivindicações específicas da juventude, económicas, associativas, culturais, desportivas, etc., aproveitando devidamente as excepcionais condições do momento para levar avante com êxito as lutas pela conquista dessas reivindicações.

3) A mobilização das massas juvenis nas lutas travadas não foi tão larga e eficaz como poderia ter sido, não só pela razão anterior e pela inexistência dum movimento nacional de unidade da juventude, que encabeçasse a sua luta, como sobretudo porque se prestou insuficiente cuidado à organização das massas (pequeno número e deficiente funcionamento das comissões juvenis de unidade formadas). Também em alguns locais continua a haver quem consider mais importante a «conscencialização» passiva das massas através da elaboração e difusão de «estudos» sobre os seus problemas do que através da sua participação activa nas próprias lutas.

4) Apesar de alguns passos dados nesse sentido, não foram suficientemente aproveitadas as possibilidades legais do período eleitoral para lançar e organizar um amplo movimento legal da juventude portuguesa.

Pelo que respeito à unidade da juventude, verificaram-se em algumas regiões progressos importantes nos contactos, relações e unidade de acção de jovens de várias tendências (comunistas, católicos, socialistas, da M.P., sem partido, etc.), progressos esses que rasgaram boas perspectivas futuras e devem servir de ensinamento para outras regiões ou locais onde se não avançou do mesmo modo. Muitos jovens comunistas, no entanto, continuam a pensar apenas nos jovens mais esclarecidos e combativos, como seja os que se agrupam no M.U.D. Juvenil, ignorando ou subestimando os jovens doutros sectores, apesar do interesse e espírito de luta revelado por muitos deles nas recentes movimentações. Dum modo geral, verifica-se sobretudo falta de audácia por parte dos jovens comunistas para entrar em contacto e estabelecer relações de camaradagem e confiança mútua com os jovens doutras



tendências, com vistas à acção unida por objectivos e reivindicações comuns. Igualmente se notam ainda certas **erradas flutuações nas relações com jovens doutras tendências**, ali onde elas existem, caindo-se ora no isolamento sectário porque «os outros jovens não são capazes ou não querem acompanhar-nos», ora no seguidismo oportunista de descermos e não ultrapassarmos o nível dos jovens mais atrasados, que assim se tornam verdadeiros travões para o desenvolvimento da luta e unidade da juventude; ora se pretende rigidamente impôr todas as nossas ideias aos outros, sem paciência e maleavelmente os convencer da sua justeza e sem atender à justeza que pode haver nas ideias dos outros, ora se aceita sem procurar modificar as ideias erradas de outros jovens, abdicando indiscriminadamente das nossas próprias ideias, «para não levantar dificuldades à unidade».

No **aspecto orgânico**, a movimentação eleitoral deixou em alguns locais um saldo positivo de novas comissões juvenis de unidade formadas e há regiões onde a organização de unidade da juventude progrediu desde então. Porém, em muitas regiões e locais, ou não se avançou e até mesmo recuou, ou os progressos são muito débeis e estão aquém das possibilidades e necessidades existentes.

Há locais e regiões onde existiam extensas redes de comissões do M.U.D. Juvenil ainda há um ano e hoje não existe qualquer comissão de unidade juvenil. Comissões cívicas e eleitorais de unidade juvenil desenvolveram importante trabalho de mobilização de massas em alguns sectores, o qual cessou inteiramente porque se deixaram morrer essas comissões.

No final do último período eleitoral realizaram-se em vários pontos do país, nomeadamente em Lisboa e Porto, reuniões de jovens de várias tendências que discutiram a continuidade organizada do movimento juvenil, tendo dentre essas reuniões tido o maior relevo o **Encontro Nacional da Juventude**, realizado em Lisboa a 31 de Maio e 1 de Junho com a participação de mais de 100 jovens de quase todas as regiões do país. Desse Encontro saiu um «Manifesto à Juventude» onde se defende a unidade e acção da juventude em volta de 10 reivindicações consideradas fundamentais, se apela para a criação por todo o lado de comissões de unidade juvenis e se recomenda o seu entrelaçamento com vista à criação dum amplo movimento nacional de unidade da juventude portuguesa. Temos conhecimento de que... várias reuniões regionais e nacionais se têm realizado para levar por diante as recomendações saídas do Encontro. No entanto, parece-nos que os esforços para a unificação nacional do movimento juvenil evidenciam e se ressentem dos atrasos e deficiências que vimos notando.

Causas desta situação e medidas a tomar

Qual a razão destes atrasos e deficiências? Pensamos que a causa principal reside na **insuficiência dos esforços dispendidos pelo conjunto do nosso Partido**. Movimentar as amplas massas juvenis trabalhadoras dos campos e das cidades, a juventude académica, a jovem geração intelectual, as raparigas, pelos seus variados interesses e anseios próprios e comuns; trazer à luta

certos sectores cuja combatividade não atingiu ainda um elevado grau de decisão; aproximar e estabelecer sólidos laços de amizade e cooperação entre sectores juvenis que se encontram ainda separados pelo desconhecimento e pela desconfiança mútua, que forças estranhas e inimigas da juventude se esforçaram e esforçam, por todos os meios e a todo o custo, por fomentar e manter; organizar centenas e centenas de comissões juvenis de unidade, por todo o lado, de todo o tipo (políticas, de assistência, de amnistia, de paz; reivindicativas de carácter económico, profissional, cultural, associativo, desportivo, etc.; para iniciativas de confraternização, para estudo dos problemas juvenis, etc., etc.); ligar todas essas comissões, acções e iniciativas num amplo e dinâmico movimento nacional de massas da jovem geração, de autêntica unidade e completa independência e iniciativa própria — não são tarefas fáceis e, sobretudo, não bastam palavras sonoras e boas intenções para que tudo surja espontaneamente. Estas tarefas que o V Congresso colocou ao nosso Partido só poderão ser concretizadas se todo o Partido cumprir com as suas **responsabilidades de vanguarda** para com a juventude, mobilizando as suas forças e capacidades para a ajudar a vencer as dificuldades que se levantam à sua acção, unidade e organização. As dificuldades existem e não convém subestimá-las: **é imprescindível um trabalho aturado e persistente de todo o Partido, de todas as células de base, de todas as organizações locais e regionais do Partido**, para que as resoluções do V Congresso sobre a juventude sejam levadas à prática com êxito. Ora o trabalho partidário neste campo tem sido insuficiente no seu conjunto e mesmo, em alguns casos, nulo e até negativo. Vejamos alguns exemplos.

Há organizações regionais inteiras do nosso Partido onde até há bem pouco não havia um único militante destacado para o trabalho legal de unidade da juventude, onde não existe sequer um único organismo partidário, seja em que escalão fôr, formado por jovens militantes do Partido para desenvolver o trabalho legal de massas entre a juventude dessa região. Há importantes localidades onde existe um apreciável número de jovens sem-partido interessados e activos, sem que a organização local do Partido lhes preste atenção e tome as medidas indicadas para que as suas comissões e actividades se desenvolvam. Há importantes comités locais e células de empresa onde ainda nem sequer se discutiram as resoluções do V Congresso sobre a juventude, para que se possam de seguida tomar as medidas adequadas para as levar à prática nessa localidade, nessa empresa, etc.

Por outro lado, há regiões, locais e empresas onde se recrutaram para o Partido os jovens que mais se viam destacando no trabalho juvenil de massas, mas para os desligar totalmente desse trabalho, pelo que casos houve em que a organização e movimentação legal de unidade juvenil se desmantelou e paralisou totalmente, por falta do trabalho dinamizador desses jovens, que não foram substituídos. Isto, além de prejudicar a juventude dessas regiões, locais ou empresas, irá dificultar enormemente o futuro e urgente recrutamento de novos quadros jovens para o Partido. É perfeitamente justo e necessário chamar às nossas fileiras os

jovens mais sérios e combativos que se destacam nas movimentações juvenis, e é igualmente necessário e justo que parte desse sangue novo vá refrescar e fortalecer o trabalho partidário doutros sectores. Mas ao fazer isso há que não esquecer as importantes recomendações do Congresso segundo as quais a maior parte desses quadros jovens deve ser voltada para o trabalho legal de massas no seio da juventude. E quando for justo desligar um quadro jovem do trabalho juvenil, devem sempre tomar-se as medidas necessárias para que a sua falta seja preenchida por forma a não prejudicar, ou só prejudicar no mínimo, o trabalho legal de massas da juventude.

Tendo em conta todos estes factos, pensamos que se impõe a adopção, entre outras, das seguintes medidas:

1) Discussão nos organismos de direcção regional e local, nos secretariados de células de empresas importantes e em todos os organismos partidários que contactem com a juventude, da orientação saída do V Congresso e da situação e problemas da juventude e do movimento juvenil de unidade nessa região, localidade, empresa, etc., com vistas à justa compreensão e aplicação da orientação saída do Congresso às condições concretas de cada caso.

2) No âmbito regional e nas localidades, empresas, etc. onde as condições o indicarem, devem criar-se imediatamente organismos partidários formados por camaradas jovens, ou destacarem-se quadros jovens, exclusivamente encarregados do trabalho juvenil de massas, directamente junto destas, no seio das várias

organizações juvenis de massas.

3) Especial atenção deve ser prestada aos problemas e dificuldades encontradas no trabalho de unidade do movimento da juventude, realizando esforços persistentes, audazes e maleáveis para conseguir o alargamento e fortalecimento da unidade juvenil. É necessário procurar e adaptar para cada caso as formas mais adequadas para chegar à unidade com jovens de sectores que até agora têm demonstrado reticências. É indispensável ouvir as opiniões dos jovens desses sectores e aceitar tudo quanto eles tiverem de justo, sendo paciente para com as suas dificuldades em vir à luta e procurando as melhores formas de concretizar a sua participação no movimento da juventude. Os jovens comunistas que actuam no seio das organizações da juventude devem tratar de igual para igual com os jovens de outras tendências, contar com eles, sem se arrojar em supremacias ou monopólios de qualquer espécie, que conduzem em linha recta ao sectarismo. Devem ser os mais activos, persistentes e maleáveis nas suas relações com jovens não comunistas, porque só assim cumprirão realmente o seu papel de vanguarda, que se deve efectivar em factos e não em palavras.

4) Os organismos ou camaradas especialmente destacados para o trabalho nas organizações da juventude devem esforçar-se constantemente para manter estas organizações sempre voltadas para os problemas mais concretos e vivos da jovem geração pois são esses os mais capazes de mobilizar as largas massas da juventude.

TRANSCRIÇÃO DAS RESOLUÇÕES DO V CONGRESSO

1—O V Congresso, tendo em conta o agravamento que se vem processando nas condições de vida da classe operária e das outras classes laboriosas do País, chama a atenção destas quando à necessidade de se encetar uma luta nacional, em todos os locais de trabalho, no sentido de se conquistar uma elevação imediata dos salários, ordenados e vencimentos correspondente ao agravamento que se deu no custo da vida, de forma alcançar-se uma melhoria sensível nas condições de existência das classes trabalhadoras. As recentes greves dos 800 salineiros de Alcochete, dos 5.000 pescadores de Matosinhos e dos 300 mineiros do Pejão, apontam o caminho da luta às outras classes trabalhadoras, mostram como existem condições no momento presente para os trabalhadores portugueses se ançarem numa luta cada vez mais larga em defesa dos seus interesses vitais.

2—O Congresso salienta que só unida nas empresas industriais, nas oficinas, nos Sindicatos, etc., a classe operária poderá lutar com êxito por uma melhoria imediata das suas condições de vida. A acção unida dos operários, sem olhar às tendências políticas e crenças religiosas, e condição fundamental para se construir uma forte unidade da classe operária, força decisiva para se alcançar a solução dos seus problemas de classe e dos problemas nacionais.

3—O V Congresso chama a classe operária e as

restantes classes trabalhadoras a lutarem unidas e organizadas por contratos colectivos que assegurem uma subida imediata dos salários e estabeleçam o princípio da escala móvel, de forma que a cada subida do custo da vida corresponda um aumento proporcional e imediato dos salários e ordenados das classes laboriosas do País.

4—O V Congresso verifica igualmente a necessidade de se alargar a luta das classes trabalhadoras da cidade e do campo contra o desemprego, contra a chamada «campanha da produtividade» no trabalho e por uma melhor assistência médica e medicamentosa dos serviços de assistência.

5—Analisando as acções dos trabalhadores nos Sindicatos Nacionais, Casas do Povo e Casas dos Pescadores, o V Congresso chegou à conclusão que existem condições para se iniciar uma nova luta da classe operária das cidades e dos campos, de todos os trabalhadores, pelas liberdades sindicais e o direito de associação, por uma mais larga acção junto das direcções sindicais, contra a intervenção do I.N.T.P. e do Ministério das Corporações na vida interna dos Sindicatos, Casas do Povo e Casas dos Pescadores. Tendo em conta estas aspirações dos trabalhadores, o V Congresso dá o seu apoio à luta pela realização dum Congresso Sindical e convida todos os trabalhadores a lutarem pela sua realização.



A UNIDADE E A COESÃO DOS PARTIDOS MARXISTAS-LENINISTAS

SÃO A GARANTIA DAS ULTERIORES VITÓRIAS

DO SISTEMA SOCIALISTA MUNDIAL

I

A nossa época, época de vitórias históricas do sistema socialista mundial, é caracterizada pela unidade e coesão crescentes do movimento comunista internacional, pela amizade que se vai reforçando entre os povos dos países socialistas.

Unidos por um mesmo ideal, pela teoria marxista-leninista, pelos princípios do internacionalismo proletário, os partidos comunistas e operários consideram-se parte integrante do grande movimento comunista internacional e manifestam um vivo interesse pela actividade e experiência de cada um dos partidos irmãos.

Os congressos dos partidos comunistas e operários prendem a atenção dos comunistas de todos os países. Eis porque o VII Congresso da Liga dos Comunistas da Jugoslávia, que se realizou em Abril e discutiu uma questão tão importante como o programa do partido prendeu igualmente a atenção dos partidos comunistas e operários. Este congresso decorreu alguns meses após as históricas conferências dos representantes dos partidos comunistas e operários irmãos que se realizaram em Moscovo, onde foram elaborados documentos-programas do movimento comunista internacional: Declaração e Manifesto da Paz. Sabe-se que a delegação da Liga dos Comunistas da Jugoslávia assinou o Manifesto da Paz, mas que não tomou parte da Conferência dos representantes dos partidos comunistas e operários dos países socialistas nem assinou a Declaração adoptada na Conferência.

O projecto de programa da Liga dos Comunistas da Jugoslávia, publicado na véspera do congresso foi seriamente criticado pelos partidos comunistas e operários de vários países. Foi observado nos órgãos de imprensa dos partidos comunistas e operários irmãos: «L'Humanité» (França), «Unita» (Itália), «Tribuna Luce» (Polónia), «Tvorba» (Checoslováquia), «Scantea» (Roménia), «Farsadalmi szemle» (Hungria), «Rabotnikovo delo» (Bulgária), «Zeri i popullit» (Albânia), «Daily Worker» (Inglaterra), «Drapeau Rouge» (Bélgica), etc., nas declarações dos comités centrais dos par-

tidos comunistas e operários de vários países, que numerosas teses contidas no projecto de programa da Liga dos Comunistas da Jugoslávia estão em contra-dição com os princípios fundamentais do marxismo-leninismo, estão em oposição às concepções dos outros partidos comunistas nas questões de princípio mais importantes formuladas na Declaração da conferência dos representantes dos partidos comunistas e operários dos países socialistas. Uma crítica ao projecto de programa da Liga dos Comunistas da Jugoslávia foi feita num artigo da revista «Le Communiste», do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética (N. 6 de Abril de 1958).

No princípio do mês de Maio, o «Jen Min Ji Pao», órgão do Comité Central do Partido Comunista Chinês, no seu editorial «O revisionismo actual deve ser condenado» criticou severamente o projecto de programa da Liga dos Comunistas da Jugoslávia e a posição tomada pelos dirigentes jugoslavos. Este artigo declara ser necessário «criticar abertamente, resolutamente, com intransigência, um certo número de concepções anti-marxistas, anti-leninistas, revisionistas do princípio ao fim, contidas no projecto de programa da Liga dos Comunistas da Jugoslávia.»

Como unânime foi observado na imprensa dos partidos comunistas, o projecto de programa da Liga dos Comunistas da Jugoslávia contém muitas teses que significam na verdade uma revisão do marxismo-leninismo. Isto no que diz respeito, particularmente, à formulação e apreciação das questões da mais alta importância: situação internacional actual; os dois sistemas mundiais e os dois campos; a importância da experiência da edificação do socialismo na U.R.S.S. e noutros países; o papel dos partidos comunistas e do Estado socialista na construção duma nova sociedade; o desenvolvimento da teoria marxista-leninista e a luta contra a ideologia burguesa; os princípios do internacionalismo proletário; as relações recíprocas entre países socialistas, entre partidos comunistas irmãos e outras questões importantes da teoria marxista e da

prática do movimento comunista mundial.

O projecto de programa da Liga dos Comunistas da Jugoslávia tinha o carácter dum documento oposto à Declaração da conferência dos partidos comunistas e operários dos países socialistas, aprovada por todos os partidos comunistas irmãos. Por esse facto, o projecto de programa da Liga dos Comunistas da Jugoslávia tornou-se num documento visando não reforçar mas enfraquecer a unidade dos partidos comunistas e operários e enfraquecer a unidade dos países socialistas.

Considerando que intervenções contra as teses erróneas do projecto de programa no próprio congresso poderiam provocar uma violenta polémica e complicariam a situação nas relações entre os partidos, quase todos os partidos comunistas, inclusivé o Partido Comunista da União Soviética, julgaram oportuno não enviar delegações ao VII Congresso da Liga dos Comunistas da Jugoslávia. Os partidos irmãos esperavam que os reparos amigáveis feitos ao projecto de programa seriam bem compreendidos pelos camaradas jugoslavos.

No entanto, no Congresso da Liga dos Comunistas da Jugoslávia, os dirigentes jugoslavos evocaram com irritação esses reparos ao projecto de programa da Liga dos Comunistas da Jugoslávia, rejeitaram-nos sem examinar-lhes o fundo. Os amigáveis reparos feitos ao projecto de programa da Liga dos Comunistas da Jugoslávia serviram de motivo para acusar os partidos irmãos de quererem impôr um «monopólio ideológico» de fazerem pressão sobre a Jugoslávia, de atentarem à sua independência. Os dirigentes da Liga dos Comunistas da Jugoslávia não tiraram as justas conclusões da crítica amistosa ao projecto de programa da Liga dos Comunistas da Jugoslávia feita pelos partidos comunistas; permitiram-se no Congresso investidas violentas, histéricas contra os partidos irmãos e defenderam obstinadamente as suas posições erróneas, anti-leninistas na sua essência, num certo número de problemas.

Os materiais do Congresso da Liga dos Comunistas da Jugoslávia publicados na imprensa, mostram que as teses erróneas do projecto de programa foram desenvolvidas detalhadamente e defendidas pelos relatores e por certos oradores do Congresso. Tais intervenções exigem uma crítica de princípio e uma réplica resoluta.

II

Não se pode fechar os olhos sobre a apreciação, errónea no seu princípio, dada ao VII Congresso da Liga dos Comunistas da Jugoslávia a respeito da situação internacional surgida após a segunda guerra mundial, sobre a deformação da apreciação das causas da tensão internacional, sobre a falsificação da política externa da União Soviética.

I. Tito, secretário geral da Liga dos Comunistas da Jugoslávia disse no seu informe, como o comunica a agência Tanyug, que a política das grandes potências é baseada no princípio da força e não no princípio do direito de todos os povos decidirem eles mesmos os seus destinos.

«Certas grandes potências, declarou o relator, mosiram-se, no período de após-guerra, pouco preocupados sobre os meios de conseguir a sua dominação sobre os outros povos e no mundo em geral. Um dos exemplos dessa política externa consistiu infelizmente na pressão exercida durante muitos anos por Stáline sobre a Jugoslávia.»

Desta declaração conclui-se que os dirigentes da Liga dos Comunistas da Jugoslávia põem no mesmo plano a União Soviética e as potências imperialistas deturpando grosseiramente os factos históricos; atribuem à U.R.S.S. uma política de «situações de força», de agressão e desígnios de dominação mundial.

O mundo inteiro sabe que a União Soviética, que teve um papel decisivo no esmagamento do fascismo hitleriano e na libertação dos povos dominados, desenvolveu uma luta consequente e tenaz por uma via democrática de desenvolvimento, contra o renascimento do fascismo, pelo socialismo.

Sabe-se também, que, contrariamente à União Soviética, os meios imperialistas traçaram como tarefa principal no período do após-guerra «corrigir» os resultados da guerra mundial, conseguir que o sistema de após-guerra exclua as possibilidades do desenvolvimento ulterior das forças democráticas e de as «rechaçar» em seguida, estrangular as forças do socialismo e do movimento de libertação nacional. Essa política das potências imperialistas esbarrou ante a réplica resoluta da União Soviética e de todas as forças socialistas.

A separação dum certo número de países do sistema mundial do capitalismo; o estabelecimento do poder dos trabalhadores nesses países; a formação do sistema mundial do socialismo; tal é o resultado dos primeiros anos do após-guerra. Cada um pode ver o grande papel desempenhado pela União Soviética nesta obra histórica. Sua política é uma política de ajuda amistosa, desinteressada aos países ingressados na via do desenvolvimento socialista. Declarar que a política da U.R.S.S. nos primeiros anos do após-guerra consistia no desejo «de conseguir a dominação sobre outros povos» como foi feito nas intervenções ao VII Congresso da Liga dos Comunistas da Jugoslávia é repetir as calúnias da propaganda imperialista sobre o «império soviético» rodeando-se de «satélites».

Esta tentativa de justificar as potências imperialistas e responsabilizar a União Soviética pela tensão internacional criada no período do após-guerra manifestou-se mais nitidamente nas acusações lançadas contra a União Soviética no VII Congresso da Liga dos Comunistas da Jugoslávia de que a sua política foi «a causa principal da criação do Pacto do Atlântico».

Desenvolvendo tal ideia I. Tito foi ao ponto de dizer que a política da União Soviética a conduziu a um isolamento progressivo «em consequência da desconfiança dos outros pequenos povos para com esse país do socialismo» e que, «por isso mesmo ela tornou possível um reforçamento da posição dos países ocidentais tendo à sua cabeça a América... que obtiveram igualmente e momentaneamente o apoio moral duma grande parte da opinião internacional».

Isto é dito da União Soviética e da sua política externa de paz, no período em que se constituía o campo socialista mundial, quando as suas forças aumentaram consideravelmente após a vitória, em 1949, da Grande Revolução chinesa, quando todos os progressistas do mundo inteiro estavam ao lado da União Soviética, da República Popular da China, de todos os países de democracia popular na sua nobre e justa luta pelo reforçamento da paz no mundo inteiro!

Uma tal falsificação da política externa e do papel da União Soviética não podia deixar de causar indignação a todos aqueles que realmente iravam uma luta activa contra o imperialismo e a agressão, contra a ameaça duma nova guerra. «Unita», órgão do Partido Comunista Italiano sublinha a este respeito: «A declaração de Tito sobre as causas da divisão do mundo em blocos é inaceitável. Não podemos partilhar de numerosas teses desta apreciação. Por exemplo, é fácil descobrir nela uma ausência completa da análise do imperialismo, do que ele representa, do seu desejo constante, nestes últimos anos, de provocar um conflito. Na ausência dessa análise chega-se à apreciação fácil da situação internacional caracterizada na tendência de ver na política da U.R.S.S. durante o período staliniano, a fonte de todos os males e a causa do enfraquecimento do movimento operário internacional, precisamente nos anos nos quais fomos testemunhas do enfraquecimento das posições do imperialismo nas mais diversas zonas do mundo».

Rejeitando as explicações jugoslavas no que diz respeito às causas da criação do bloco do «Atlântico Norte», «L'Humanité» escreve que tais «explicações» estão em flagrante contradição com o Manifesto da Paz, assinado em Moscovo pelos representantes da Liga dos Comunistas da Jugoslávia. Falsar as verdadeiras causas da criação do bloco do Atlântico Norte, é na verdade, justificar, nem mais nem menos, o imperialismo americano, que criou esse bloco militar agressivo como principal instrumento para conseguir a dominação mundial.

Quem não se lembra que, logo após a segunda guerra mundial, em Maio de 1945, os economistas americanos, representantes dos interesses dos grandes monopolistas, declararam que uma nova guerra seria de desejar e mesmo necessária aos Estados Unidos; que toda a diplomacia americana, nos primeiros anos do pós-guerra foi baseada na chantagem e na ameaça do recurso às armas atómicas?

Quem não se lembra que desde 1946, M. Churchill, no seu cínico discurso de Fulton (Estados Unidos), apelava para a organização duma nova cruzada contra a União Soviética, para desenvolver a «guerra fria» e a corrida aos armamentos? São os desígnios agressivos do imperialismo americano que serviram e continuam a servir o bloco militar do Atlântico Norte.

Um facto salta à vista: na análise feita à situação internacional, os relatores do VII Congresso da Liga dos Comunistas da Jugoslávia abandonam o ponto de vista de classe, desconhecem o facto incontestável de que uma luta encarnizada se desenrola na hora actual entre as forças imperialistas de guerra e as forças

da paz na vanguarda das quais se encontram os países socialistas. Daí resulta, para retomar a imagem dum comunista francês que «um véu foi lançado sobre a dura realidade» para ajudar os verdadeiros responsáveis da actual tensão internacional a escapar às suas responsabilidades.

Caracterizando a política estrangeira da Jugoslávia, I. Tito disse:

«Se a nossa política estrangeira coincide com a política de qualquer outro país, com a política da União Soviética num caso concreto, tanto melhor. Desejamos também que a nossa política e as nossas concepções dos problemas internacionais coincidam o maior número de vezes possível com a política e as concepções da América e dos outros países ocidentais.»

É estranho ouvir declarações através das quais é desejado cada vez mais frequentemente a coincidência da política e das opiniões da Jugoslávia com a política e opiniões dos Estados Unidos, isto da boca do dirigente da Liga dos Comunistas da Jugoslávia, que considera que as suas opiniões são comunistas e que a sua política estrangeira é ditada pelos interesses do reforçamento do socialismo!

Tal concepção é estranha ao espírito do marxismo-leninismo, visto desconhecer a contradição fundamental do desenvolvimento social actual: a contradição que opõe o imperialismo e o sistema socialista. Tal concepção é contrária à análise da situação internacional dada na declaração da conferência dos representantes dos partidos comunistas e operários dos países socialistas, é contrária aos factos da história universalmente conhecidos. Na Declaração é sublinhado:

«Praticando a chamada política das situações de força, os meios imperialistas agressivos dos Estados Unidos procuram obter a dominação da maior parte dos países do mundo e impedir o movimento ascendente da humanidade, conforme às leis do desenvolvimento da sociedade... Certos meios agressivos dos Estados Unidos esforçam-se pela sua política em concentrar à sua volta todas as forças reacçãoárias do mundo capitalista. Esses meios tornam-se mesmo o centro da reacção mundial e são os piores inimigos das massas populares.»

Tomar posição contra tão evidentes análises do papel do imperialismo americano, aprovadas por todo o movimento comunista internacional, é fazer o jogo dos imperialistas.

III

Os dirigentes da Liga dos Comunistas da Jugoslávia não estão de acordo com a característica universalmente reconhecida pelos comunistas de todos os países, da divisão do mundo actual em dois campos opostos: o campo do socialismo e o campo do imperialismo. Declararam que a Jugoslávia encontra-se fora destes campos. A divisão do mundo em dois campos não é produto do capricho de pessoas ou de quaisquer partidos. A formação do sistema socialista mundial, o aparecimento do campo mundial do socialismo em oposição ao campo do imperialismo, a divisão do

mundo em dois campos: tudo isto é o resultado lógico do processo histórico do desenvolvimento da sociedade humana.

Os campos socialista e imperialista reflectem o facto incontestável de que existe hoje no mundo dois sistemas económicos e sociais e não um só sistema. É impossível encontrar sinal de igualdade entre os blocos militares e os campos do socialismo e do imperialismo que se formaram no decorrer do desenvolvimento histórico, como o fazem os dirigentes jugoslavos. Enquanto que Estados com uma estrutura social e económica diferente podem cooperar num mesmo bloco (como foi o caso, por exemplo, na coligação anti-hitleriana durante a segunda guerra mundial), um campo é constituído por Estados de tipo idêntico. Num bloco de Estados os seus interesses coincidem por um certo tempo. O campo dos países imperialistas uniu estes no ódio ao socialismo. Estão divididos por interesses ambiciosos, contraditórios, próprios a todas as potências imperialistas. A política agressiva dos meios dirigentes das potências imperialistas e em primeiro lugar dos Estados Unidos, a sua aspiração à dominação mundial encontram a resistência dos povos dos países que sacudiram o jugo da opressão colonial e lutam pela sua independência.

No campo socialista os interesses são comuns; o fim é comum, não há nem pode haver antagonismos.

O informe de I. Tito diz:

«A divisão do mundo em blocos suscitou, em vez da integração (unificação — N.D.L.R.) económica e de uma cooperação económica frutuosa a divisão da economia mundial e por isso causou um enorme prejuízo aos povos.»

Claro que a divisão do mundo em blocos militares causou e causa um grave prejuízo aos povos, inclusive no plano económico. A União Soviética trava luta contra a divisão do mundo em blocos, não se cansa de propôr variadas medidas para o alívio da tensão internacional, luta pela normalização do comércio externo, para suprimir a discriminação nas relações económicas. Mas no relatório que acaba de ser citado, os factos históricos são postos ao contrário, o carro é posto à frente dos bois.

A economia mundial cindiu-se em consequência do aparecimento do sistema mundial do socialismo. Deplorear o facto da «divisão da economia» é exprimir pesar pelo aparecimento do sistema mundial do socialismo. A tarefa não é reconstituir artificialmente, não obstante as leis da história, não se sabe que economia mundial única. Isto é impossível. Dois sistemas económicos existem e existirão muito tempo ainda. A tarefa consiste na organização da coexistência económica pacífica dos dois sistemas, na normalização das relações económicas entre o mundo do socialismo e o mundo do capitalismo.

O problema das relações entre os países socialistas e os partidos comunistas e operários que dirigem estes países é duma importância primordial para o desenvolvimento do socialismo e do comunismo. É um problema novo que surgiu apenas depois da segunda guerra mundial com o aparecimento na arena internacional do país socialista soviético e outros países socialistas na Europa e na Ásia. Guiando-se

pelo marxismo-leninismo os partidos comunistas e operários elaboraram os princípios firmes e imutáveis destas relações, princípios que foram formulados e fundados teoricamente na Declaração da conferência dos representantes dos partidos comunistas e operários dos países socialistas.

«As relações entre os países do sistema socialista mundial, entre todos os partidos comunistas e operários diz a Declaração, baseiam-se nos provados princípios do marxismo-leninismo, nos princípios do internacionalismo proletário...»

«Os países socialistas baseiam as suas relações mútuas no princípio da igualdade completa, no respeito da integridade territorial, da independência e da soberania política, da não intervenção nos assuntos internos. Estes importantes princípios não são contudo os únicos que definem a natureza das relações entre os países socialistas. A ajuda fraternal e recíproca inscreve-se orgánicamente no quadro das suas relações mútuas. É nesta ajuda recíproca que o princípio do internacionalismo socialista encontra a sua expressão efectiva.»

Os Estados socialistas estão agrupados numa comunidade unida pelo facto de terem entrado na via do socialismo que lhes é comum, pela natureza de classe comum do regime económico e social e do poder de Estado, pela necessidade de ajuda e assistência mútuas e pela comunidade de interesses e objectivos na luta pela vitória do socialismo e do comunismo.

O facto do socialismo ter ultrapassado o quadro de um só país, a sua transformação em sistema económico e social mundial, a formação e consolidação do campo dos países socialistas constituem o elemento principal que determina o desenvolvimento internacional e caracteriza a época actual. O aparecimento e o desenvolvimento do campo socialista comprovam o agravamento da crise geral do capitalismo, a desagregação do sistema capitalista mundial. O crescimento impetuoso da potência económica e da influência política do campo socialista exprimem uma lei objectiva da história e abrem novas perspectivas ao desenvolvimento social.

«Reprova-se-nos muitas vezes, diz I. Tito, não sermos internacionalistas, porque não pertencemos a nenhum campo. Esses camaradas julgam que o internacionalismo é determinado pela adesão a um campo e não ao mundo socialista num sentido mais vasto.»

É claro que o internacionalismo proletário não abraça apenas o campo socialista; as suas ideias unem todos os partidos marxistas-leninistas da classe operária e unem o movimento operário internacional e o movimento de libertação nacional. Mas isto não anula a necessidade de reforçar as relações internacionais, a cooperação fraternal, a ajuda mútua entre os países onde o socialismo já venceu. Os partidos comunistas e operários sobretudo os que estão no poder têm grande responsabilidade histórica no destino do sistema socialista mundial. Daí o reforçamento da sua unidade e cooperação amigável no interesse de todo o movimento operário internacional pela causa da paz



é do socialismo no mundo inteiro. O agrupamento dos países socialistas num único campo, o apoio activo a este campo por parte de todo o movimento comunista mundial, a simpatia de todos os homens progressistas, é obra viva e criadora de centenas de milhões de trabalhadores.

A libertação do trabalho dizia Marx, não é um problema local ou nacional, mas um problema social entendendo-se a todos os países nos quais existe uma sociedade contemporânea e a sua solução depende da cooperação prática e teórica entre os países mais progressivos.

Nas condições actuais, onde uma nova sociedade, a sociedade socialista, agrupa já mais de um terço da humanidade, o reforçamento da cooperação prática e teórica dos países de vanguarda tornou-se uma necessidade vital.

Nestas condições as palavras de Marx têm um vigor muito particular quando diz que: *«Uma atitude de desprezo para com a união fraternal que deve existir entre os operários dos diferentes países incitando-os a serem firmemente uns pelos outros na sua luta pela libertação, é castigada pela derrota comum dos seus esforços isolados.»*

No entanto a linha defendida nas intervenções do congresso da Liga dos Comunistas da Jugoslávia tende a justificar o isolamento dos países socialistas, a opô-los uns aos outros.

É esse o fim da tese forjada e nada conforme à verdade segundo a qual o campo socialista está ligado ao «hegemonismo» de tal ou tal «país dirigente» e que nos partidos «a direcção tem por costume receber e aplicar as directivas vindas de fora».

Tais asserções em nada diferem das refutadas teses da propaganda imperialista. Os imperialistas utilizam precisamente idênticas invenções para «justificar» a sua acção subversiva contra os países de democracia popular sob o rótulo da luta pela «libertação» desses países, mas visando na realidade a restauração dos regimes capitalistas. Estes falsos argumentos são lançados pelos imperialistas na campanha contra os partidos comunistas acusados de «receberem directivas de fora».

Hoje em que existem muitos países socialistas e não um só é impossível edificar isoladamente o socialismo e o comunismo. O período histórico no qual o povo soviético foi obrigado a edificar sozinho o socialismo está ultrapassado desde há muito. O socialismo é agora um sistema mundial. Um novo período do seu desenvolvimento começou.

Marx e Lênine sempre consideraram a transição do capitalismo ao comunismo como um processo natural histórico e mundial e não como um processo estritamente nacional. Na hora presente, cada país socialista, seja grande ou pequeno, tem necessidade da ajuda dos outros países socialistas e de todo o movimento operário internacional.

Nas condições actuais, quando o mundo está dividido em dois sistemas, em dois campos, a própria existência de cada país como país socialista, o seu desenvolvimento constante só são possíveis graças à existência do campo socialista apoiando-se na sua potência económica e unidade política. Não se pode

juizar possível a construção do socialismo apoiando-se na ajuda dos imperialistas. O capitalismo, embora tenha feito crescer o seu próprio coveiro, o proletariado, não quer ceder de boa vontade o seu lugar ao socialismo e não tem pressa de mergulhar no túmulo. As tentativas da reacção imperialista é necessário opôr os esforços conjugados do mundo único e unido do socialismo, dos trabalhadores de todos os países.

IV

No Congresso da Liga dos Comunistas da Jugoslávia, os relatores e alguns oradores falaram com gratidão e reconhecimento da ajuda trazida à Jugoslávia pelos Estados Unidos. Ao mesmo tempo falou-se com muita reserva da cooperação económica com os países socialistas e a ajuda dos países socialistas foi minimizada e até esquecida. Foi sobretudo o «papel de benfeitor» dos Estados Unidos no desenvolvimento da economia da Jugoslávia que foi salientado nos discursos ao Congresso da Liga dos Comunistas da Jugoslávia.

I. Tito sublinhou no seu informe que as relações da Jugoslávia com os Estados Unidos estão baseadas no respeito mútuo, na cooperação em igualdade de direitos e na não ingerência nos assuntos internos.

«Se houve quaisquer tentativas de infringimento desses princípios, declarou o relator, elas provêm de pessoas ou grupos e não do governo dos Estados Unidos. Recebemos da América uma grande ajuda económica e militar quando dela tivemos necessidade, isto é quando da pressão política, económica e da propaganda de Stáline sobre o nosso país. Isso ajudou-nos, numa grande medida, a enfrentar as enormes dificuldades que então tínhamos.»

Desta forma aparece o governo dos Estados Unidos prestando à Jugoslávia uma ajuda «desinteressada», que se opôs às «pessoas ou grupos» que tentavam em vão desviá-la da via do respeito mútuo, da cooperação em igualdade de direitos e da não ingerência nos assuntos internos.

Lendo semelhantes discursos acompanhados de profundas vénias e reverências aos círculos dirigentes dos Estados Unidos involuntariamente ocorre perguntar: porquê os monopolistas americanos manifestam tanta simpatia pela Jugoslávia? Cada comunista está no seu direito de perguntar: porquê os imperialistas americanos os mais encarniçados inimigos do socialismo, consideram vantajoso ajudar a Jugoslávia? Um dos mais antigos dirigentes do movimento operário internacional, Auguste Bebel, dizia: *«Quando a burguesia me cobre de elogios, eu pergunto sempre que asneira terei eu cometido.»*

E na verdade, os imperialistas americanos não somente prodigalizam elogios aos dirigentes jugoslavos como ainda lhes dão uma «ajuda». Porque serviços prestados? Não será pelas tentativas dos dirigentes jugoslavos em caluniar a União Soviética e enfraquecer a unidade do movimento comunista e operário internacional?

Não se pode deixar de recordar que na véspera e após o discurso inamistoso para com a União Soviética

tica, de I. Tito em Pula, louvado por toda a reacção mundial, a Jugoslávia recebeu novos e importantes subsídios dos imperialistas americanos. A imprensa jugoslava anunciou que em 3 de Novembro de 1956 foi assinado um acordo entre a Jugoslávia e os Estados Unidos para o fornecimento de excedentes agrícolas americanos no montante de 98,3 milhões de dólares e em fins de Dezembro de 1956, segundo uma informação da agência Tanyug foi consignado à Jugoslávia pelo governo dos Estados Unidos uma verba de 6 milhões de dinares.

Bastou que a delegação da Liga dos Comunistas da Jugoslávia recusasse assinar a Declaração dos partidos comunistas e operários dos países socialistas para que os Estados Unidos da América oferecessem pouco depois à Jugoslávia um novo e importante empréstimo, firmando um acordo sobre o fornecimento de excedentes agrícolas americanos no valor de 62,5 milhões de dólares. É possível que a nova tentativa dos dirigentes jugoslavos para enfraquecer a unidade dos países socialistas e dos partidos comunistas seja de igual modo recompensada.

Os imperialistas nunca dão nada a ninguém gratuitamente.

É notório que a ajuda americana a um país não é desinteressada e conduz à dependência económica e política desta ou daquela maneira. A coberto duma tal «ajuda», os monopólios americanos vendem aos outros países sobras de mercadorias, armamento velho. Tal ajuda dos monopólios dos Estados Unidos em nada contribui para o desenvolvimento duma economia nacional independente do país que recebe tal ajuda.

Em consequência dessa dita ajuda desinteressada dos imperialistas dos Estados Unidos, o total da dívida externa do Estado da Jugoslávia atingiu uma enorme soma: mais de 800 milhões de dólares. O pagamento da dívida a título de créditos estrangeiros absorve anualmente mais de 25% dos fundos que a Jugoslávia recebe das exportações. A Jugoslávia, tal como os países que beneficiam da «ajuda» dos Estados Unidos, recebe principalmente dos monopólios americanos excedentes dos produtos agrícolas; trigo, toucinho, etc. Os monopolistas americanos não estão interessados em exportar a título de «ajuda» equipamento aperfeiçoado para as fábricas e centrais eléctricas e todo o necessário para o desenvolvimento da indústria moderna, para o progresso técnico e económico do país.

As relações económicas soviéto-jugoslavias assentam noutra base. O informe ao VII Congresso da Liga dos Comunistas da Jugoslávia enumera os acordos mais importantes firmados entre os dois países nestes últimos anos. Em primeiro lugar é citado o acordo para a construção de empresas industriais na Jugoslávia, no valor de 110 milhões de dólares. Fez-se igualmente dum crédito comercial de 54 milhões de dólares concedido à Jugoslávia, do empréstimo em ouro e divisas estrangeiras de 30 milhões de dólares, do acordo especial relativo à construção duma fábrica de alumínio, de uma fábrica de adubos, etc.

Mesmo este breve resumo dos acordos assinados entre a U.R.S.S. e a República Federativa Popular Jugoslávia mostra em que consiste a profunda diferença,

de princípio, entre as relações económicas da União Soviética com a Jugoslávia tal como com os outros países socialistas e o chamado auxílio americano. Enquanto a «ajuda» americana tem por objectivo submeter aos Estados Unidos os países aos quais é prestada essa «ajuda», a União Soviética procura de facto ajudar os outros países socialistas assim como os países economicamente sub-desenvolvidos a reforçar e desenvolver sua economia, realizar a industrialização, base da independência económica e política da soberania nacional desses países.

Caracterizando os laços económicos existentes actualmente entre a U.R.S.S. e a Jugoslávia, I. Tito falou deles como duma «cooperação económica muito vantajosa para os dois países.»

Levando uma ajuda amistosa à Jugoslávia, os trabalhadores da União Soviética não pensam de modo algum que esse facto, do ponto de vista comercial, lhes seja «muito vantajoso». Se abordamos as coisas do lado puramente comercial, seria, naturalmente, mais vantajoso à União Soviética construir no seu território essas novas fábricas e em seguida exportar os produtos acabados. Os soviéticos estão muito longe de terem uma concepção puramente comercial nas relações com os países aos quais é prestado uma ajuda económica. Na sua política, nas suas relações com os países socialistas irmãos são inspirados pelos interesses da construção do socialismo, do reforçamento e do desenvolvimento do sistema socialista mundial.

A União Soviética presta igualmente uma ajuda fraternal aos povos que lutam contra o jugo colonial, pela sua liberdade e independência. Ajudar um camarada, um amigo, isto quer dizer cumprir o seu dever internacional. Eis como pensam e agem os soviéticos.

No entanto, os autores do projecto de programa da Liga dos Comunistas da Jugoslávia, deturpando grosseiramente o carácter das relações entre os países socialistas atribuíram-lhes de modo pouco amigável e mesmo calunioso a tendência ao hegemonismo, afirmaram que nas fases iniciais do desenvolvimento do socialismo certos povos ou certos Estados têm a possibilidade de «utilizar uma ou outra forma de exploração económica dum outro país». Será possível que alguém na Jugoslávia pense que nas relações económicas entre a União Soviética e a República Federativa Popular da Jugoslávia se revele uma tal tendência para a «exploração»? Se assim é, podemos libertar a Jugoslávia de tal «exploração».

Não impomos nada a ninguém. Nem o nosso regime político, nem as formas de vida social, nem a nossa ideologia. Não impomos também a ninguém a nossa amizade, a nossa ajuda económica.

V

Dizem os dirigentes da Jugoslávia que as divergências ideológicas existentes entre a Jugoslávia e os países socialistas não devem conduzir ao rompimento das relações de Estado. Mas como o prova a experiência, não basta simplesmente repetir essa verdade. É impossível não ver que se as divergências ideológicas não são eliminadas, mas pelo contrário se agravam, naturalmente

que trazem igualmente divergências nas questões políticas. Seria estranho que as relações entre os Estados socialistas se reforçassem e estreitassem e que as relações entre os partidos políticos no poder com idêntica ideologia marxista-leninista se agravassem.

A União Soviética e o seu Partido Comunista empreenderam audaciosamente a eliminação de todas as injustiças e faltas cometidas no passado para com a Jugoslávia. É necessário dizer abertamente que a Jugoslávia também em 1948 e nos anos seguintes cometeu erros de carácter nacionalista e desviou-se dos princípios marxistas-leninistas em determinadas problemas importantes.

Ao aceitar o restabelecimento das relações amistosas com a Jugoslávia, os soviéticos tinham consciência de que as graves divergências ideológicas acumuladas no período do afastamento da Jugoslávia do movimento comunista internacional separavam o nosso Partido da Liga dos Comunistas da Jugoslávia e que seria bastante difícil vencê-las. A única base sólida para o estabelecimento de relações amistosas entre os dois partidos só pode ser baseada nos princípios do marxismo-leninismo. Isto foi mais duma vez salientado nas declarações conjuntas do Partido Comunista da União Soviética e da Liga dos Comunistas da Jugoslávia e nas declarações de Belgrade e Moscovo.

O Partido Comunista da União Soviética que deu provas de iniciativa na normalização das relações com a Jugoslávia cumpriu com perseverança e de forma regular os seus compromissos. Os dirigentes jugoslavos agiram de outro modo.

O jornal «Jen Min Ji Pao» salienta com razão no seu editorial:

«Desde 1954, a União Soviética e os outros países do campo socialista manifestando o máximo de boa vontade e fazendo tudo o que podiam, tomaram várias medidas tendentes a melhorar as relações com a Jugoslávia, o que era inteiramente justo e necessário. Os partidos comunistas adoptaram uma atitude de paciente expectativa esperando que os dirigentes da Liga dos Comunistas da Jugoslávia voltassem às posições do marxismo-leninismo o que teria ajudado o povo jugoslavo a seguir firmemente a via do socialismo. Mas os círculos dirigentes da Liga dos Comunistas da Jugoslávia não corresponderam aos esforços benévolos do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética e dos comunistas dos outros países.»

O VII Congresso da Liga dos Comunistas da Jugoslávia e o projecto de programa provaram com evidência que os dirigentes jugoslavos prosseguem na sua atitude contrária aos princípios do marxismo-leninismo. Consideram tal atitude como prova de firmeza da sua parte. I. Tito disse no seu discurso de encerramento ao VII Congresso da Liga dos Comunistas da Jugoslávia:

«...Se, de qualquer lado que seja, é esperado o abandono das nossas posições de princípio nos assuntos internos ou internacionais, isso não passa de perda de tempo e de prejuízo para todos nós.»

Partindo dessas «posições de princípio» os dirigentes jugoslavos apelidaram de «dogmáticos», de «praticistas oportunistas», de «pragmatistas», de «dogmáticos

praticistas», etc., os comunistas da União Soviética e dos outros países. Nos seus ataques aos partidos comunistas dos outros países, alguns oradores jugoslavos pronunciaram palavras e frases violentas.

Essas atitudes dos Dirigentes da Liga dos Comunistas da Jugoslávia provam como escarnecem grosseiramente dos princípios do internacionalismo proletário. Essas atitudes são contrárias a uma das teses fundamentais de V. Lênine, de que «sem a aspiração voluntária à união e unidade, por parte do proletariado, e de todas as massas trabalhadoras de todos os países e de todas as nações do mundo, a vitória sobre o capitalismo não será coroado de êxito.»

Na tribuna do VII Congresso da Liga dos Comunistas da Jugoslávia ressoaram declarações duma presunção sem precedente segundo as quais as atitudes dos dirigentes da Liga dos Comunistas da Jugoslávia assemelham-se... à luta que Lênine conduziu para fazer triunfar o marxismo. É na verdade um sacrilégio. Falar deste modo é opôr os comunistas jugoslavos a todo o movimento comunista mundial pretendendo-o atolar no dogmatismo, é pôr no mesmo plano os partidos comunistas e os partidos social-democratas da II Internacional dos quais Lênine tinha implacavelmente combatido o seu oportunismo.

Os dirigentes da Liga dos Comunistas da Jugoslávia atribuem-se o direito de fazer apreciações categóricas e presunçosas como estas sobre o movimento operário internacional:

«O desenvolvimento do movimento operário internacional ao longo destas últimas décadas não acompanhou o ritmo dos acontecimentos sociais, nem o desenvolvimento das condições materiais.»

Isto é o mesmo que dizer ninguém acompanha o ritmo a não ser eu!

O mundo inteiro conhece os sucessos prodigiosos verdadeiramente históricos alcançados pelo movimento comunista internacional, o imenso trabalho efectuado pelos partidos comunistas no seio das massas.

Dirigido a numerosos partidos comunistas foi dito no Congresso da Liga dos Comunistas da Jugoslávia: «Faltou-lhes audácia para atrair as massas, estavam fechados sobre si mesmo, isolados das massas eis porque não tiveram papel decisivo no desenvolvimento social dos seus países.»

Certamente ninguém ignora que em muitos países capitalistas, tais como os Estados Unidos, Alemanha Ocidental, Espanha, os partidos comunistas lutam apesar das mais ferozes repressões policiais, do terror selvagem e das provocações? Interrogai os comunistas americanos. Eles dirão como os imperialistas impediram e impedem o movimento comunista nos Estados Unidos. Todos os comunistas sabem na verdade que mais de 30 partidos comunistas estão declarados fora de lei nos países capitalistas. Isto deixa indiferente os dirigentes da Liga dos Comunistas da Jugoslávia.

A falsa posição dos dirigentes da Liga dos Comunistas da Jugoslávia, sua violação das normas das relações inter-partido e dos princípios do internacionalismo proletário, reconhecidos por todos os partidos marxistas-leninistas, manifestaram-se particularmente na sua atitude errónea a respeito da crítica de princípio entre par-

tidos. Acusações absurdas foram lançadas contra a pretensa ingerência nos assuntos internos da Jugoslávia em resposta à crítica amistosa às insuficiências e erros do projecto de programa da Liga dos Comunistas da Jugoslávia. É necessário fazer luz completa sobre esse importante ponto. Como podem ser acusados os outros partidos comunistas de querer intervir nos assuntos internos da Jugoslávia se foi o Comité Central da Liga dos Comunistas da Jugoslávia quem enviou o projecto de programa a todos os partidos irmãos? Porque o fez? Evidentemente para que pudessemos dar a nossa opinião a esse respeito. Quando esta foi expressa, os ataques mais grosseiros foram lançados contra os partidos irmãos.

VI

Afirmou-se no Congresso da Liga dos Comunistas da Jugoslávia ser impossível haver, nas questões ideológicas, juiz infalível que discernisse o justo do injusto, sendo o único juiz definitivo a prática, a história. Claro, a vida, a prática social devem ser as principais características para demonstrar a justeza de tal ou tal afirmação. As deduções teóricas são definitivamente confirmadas ou refutadas pela história. Então não foram confirmadas as teses fundamentais do marxismo-leninismo, a prática da luta revolucionária e a edificação do socialismo, e provado a sua grande força vital?

Porque não podem essas teses marxistas-leninistas, comprovadas pela experiência de milhões de operários e camponeses na luta por uma vida melhor em diferentes países, servir de fio condutor, de bússola, de critério nas discussões ideológicas? Contestá-lo é opôr-se à justeza das teses do marxismo-leninismo, é adoptar nas questões da verdade o ponto de vista do niilismo relativista para o qual não existe nenhum princípio, nenhuma convicção, nenhuma verdade absoluta.

Seria ridículo pensar que na nossa época, em que existe em numerosos países partidos marxistas-leninistas aguerridos, possuindo uma enorme experiência e uma grande influência sobre as massas, que um só partido, a Liga dos Comunistas da Jugoslávia por exemplo, possa fazer progredir o pensamento socialista, a teoria marxista-leninista, ver a solução justa dos problemas vitais do movimento comunista, enquanto que todos os outros estariam condenados a «marcar passo», para empregar a expressão de desprezo de E. Kardelj.

Outros oradores, tal como Perovic, membro do Comité Central da Liga dos Comunistas da Jugoslávia, foram mais longe ainda, declarando:

«Ouvimos falar muito das ideias marxistas-leninistas colectivas» sob as quais estão sub-entendidas as resoluções de certos forums de partidos. Por outro lado diz-se que não se pode duvidar da justeza das ideias desses forums. Isto nada tem a ver com o marxismo-leninismo».

Na verdade, são estas calúnias contra os partidos comunistas irmãos que nada têm de comum com o marxismo-leninismo.

O marxismo-leninismo, o pensamento socialista desenvolvem-se, progredem, enriquecem-se graças à experiência viva de milhões de combatentes pelo socialismo, a imensa e múltipla actividade de todos os partidos

comunistas e operários irmãos que desenvolvem e aplicam de forma criadora a teoria marxista-leninista nas novas condições históricas, tendo em conta as particularidades concretas de cada país.

Os Partidos Comunistas da China, França, Itália, Checoslováquia, República Democrática Alemã, Polónia, Roménia, Bulgária, Hungria, Albânia, Grã-Bretanha, Espanha, dos países da América Latina, Índia, Indonésia, Finlândia e de outros países dão uma grande contribuição ao desenvolvimento da teoria, da estratégia e da tática marxista-leninista. A Declaração adoptada que se tornou um importante programa marxista-leninista de todo o movimento comunista internacional, resume a experiência colectiva dos partidos comunistas e operários.

A Declaração dos partidos comunistas e operários irmãos dos países socialistas contém uma profunda análise científica da época actual, a da passagem do capitalismo ao socialismo, baseando-se na aplicação criadora e no desenvolvimento da teoria marxista-leninista.

Baseada na experiência da URSS e doutros países socialistas, a Declaração confirma a justeza das teses e das deduções da teoria marxista-leninista segundo as quais um certo número de leis fundamentais próprias a todos os países que se encaminham na via do socialismo manifestam-se no processo da revolução socialista e na edificação do socialismo. O projecto de programa da Liga dos Comunistas da Jugoslávia ignora as teses fundamentais da Declaração e substitui-as por apreciações e deduções contrárias ao marxismo-leninismo.

A revista «Le Comuniste» mostrou num artigo consagrado ao projecto de programa da Liga dos Comunistas da Jugoslávia que o projecto procedia à revisão das teses marxistas-leninistas fundamentais.

A teoria da luta de classes e da revolução proletária é substituída pela teoria oportunista da integração pacífica do capitalismo no socialismo. O papel do partido marxista-leninista como organizador e guia dos trabalhadores na luta pela vitória do comunismo é rebaixado. O papel organizador, edificador do Estado socialista na edificação do socialismo e do comunismo é negado.

Todas as considerações do projecto do programa da Liga dos Comunistas da Jugoslávia respeitante ao Estado socialista visam em suma, enfraquecê-lo. Em proveito de quem? A experiência histórica de todos os países socialistas atestam que todo o enfraquecimento do Estado socialista nas condições do período de transição, quando exista o campo agressivo imperialistas que se esforça por restaurar o capitalismo, só pode aproveitar aos inimigos do socialismo, os imperialistas.

O projecto do programa da Liga dos Comunistas da Jugoslávia apresenta de maneira falsa a evolução do Estado socialista e do pensamento teórico na U.R.S.S. procura apresentar a história do Estado soviético como uma «tendência «étatique-bureaucratique» enquanto que a necessidade de utilizar o Estado socialista como instrumento para edificar o comunismo é qualificada de «revisão estatista pragmática do marxismo».

Como se sabe, Marx fala na «crítica do programa de Gotha» da futura estrutura de Estado da sociedade comunista.



V. Lênine ensinava que «*comunismo integral é necessário para o desaparecimento integral do Estado*».

Estas deduções geniais de Marx e Lênine são confirmadas pela experiência internacional da edificação do socialismo. Pergunta-se e com razão quem procede à revisão da teoria de Marx e Lênine no que diz respeito ao Estado?

Os dirigentes jugoslavos opõem-se ao burocratismo, mas concebem-no como uma «força social» nos países socialistas». Toda a força social é em primeiro lugar uma força de classe. Como é que o burocratismo torna-se no socialismo uma «força social»? Só pode existir duas respostas a esta questão. Ou o burocratismo é uma sobrevivência da velha sociedade que foi vencida através duma luta consequente no decurso da edificação do socialismo e por isso não pode ser uma «força social» particular, ou então testemunha o aparecimento duma «nova classe» como é afirmado pelo caluniador e renegado Djilas. É inútil procurar uma terceira via intermediária como o faz E. Kerdelj.

Nas suas declarações, os dirigentes jugoslavos opõem muitas vezes o desenvolvimento da democracia socialista ao do Estado socialista. Deste modo ignoram o ensinamento do leninismo segundo o qual o desenvolvimento do Estado socialista é o desenvolvimento da democracia socialista.

A experiência do Estado socialista soviético, sobretudo nestes últimos anos é um brilhante exemplo do largo desenvolvimento da democracia socialista. Na esfera da vida social, a importância das questões do desenvolvimento da produção no sentido largo da palavra, incluindo a preocupação de desenvolver a técnica e formar quadros, aumenta e aumentará sem cessar.

Tais questões observarão progressivamente toda a actividade principal da sociedade.

V. Lênine dizia que os conselhos de economia nacional: «*Serão os únicos entre todas as instituições de Estado a conservar um lugar sólido*»; por outro lado: «*o aparelho de administração no sentido próprio, estreito, restricto desta palavra, o aparelho do antigo Estado está destinado a desaparecer enquanto que o aparelho do tipo do Conselho superior da economia nacional está destinado a crescer, desenvolver-se e a reforçar-se cumprindo toda a actividade principal da sociedade organizada*».

Pondo em prática as decisões históricas do seu XX Congresso, o Partido Comunista da União Soviética elaborou nestes últimos tempos e pôs em prática um plano verdadeiramente grandioso para reorganizar a gestão da economia no sentido indicado por Lênine, no do desenvolvimento da democracia socialista. A evolução lógica do Estado soviético consiste em pôr em prática cada vez melhor o princípio do centralismo democrático que abre um vasto campo de acção à actividade criadora das massas e que se opõe na mesma medida ao burocratismo e à anarquia. As medidas realizadas nestes últimos anos no nosso país para reorganizar a direcção da indústria e da construção, para desenvolver o sistema dos kolkozoes e reorganizar as Estações de Máquinas e Tractores, para desenvolver o papel dos sindicatos, do Komsomol e das outras organizações sociais de massas marcam uma importante

etapa no desenvolvimento da democracia socialista; enriquecem a experiência da edificação do socialismo e do comunismo, representam uma importante contribuição ao tesouro do marxismo-leninismo.

Nas condições actuais, a questão primordial para cada partido comunista e operário é o problema da sua alitude para com o conjunto do movimento comunista internacional, para com os documentos-programas que generalizam, baseando-se no marxismo-leninismo, a experiência e definam as tarefas da luta pela paz, a democracia e o socialismo. No momento em que o mundo está dividido em dois sistemas — socialista e capitalista — em dois campos, a tarefa do movimento comunista internacional, de cada partido marxista-leninista, consiste em ver correctamente as perspectivas da luta contra o inimigo comum, o imperialismo, em reforçar a unidade e a coesão de todas as forças dos partidos da classe operária para responder aos ataques da reacção, para consolidar e desenvolver o sistema socialista mundial. Nestas condições, o mais pequeno desvio em relação aos princípios do marxismo-leninismo, toda a manifestação de particularismo ou de sectarismo conduzem inevitavelmente ao atoleiro do revisionismo, perigo principal contra o qual lutam resolutamente todos os partidos marxistas-leninistas.

A grande força vital e irrisistível do movimento comunista internacional, do campo socialista mundial reside na sua unidade e coesão, na base dos princípios do marxismo-leninismo. Todos os partidos comunistas e operários têm o dever sagrado de conservar essa unidade como a menina dos seus olhos e de a reforçar ao máximo frente ao inimigo comum, o imperialismo agressivo.

Os partidos comunistas e operários dos países socialistas disseram na Declaração:

«*Apesar das asserções absurdas do imperialismo a respeito da pretensa «crise do comunismo» o movimento comunista cresce e reforça-se. As decisões históricas do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética têm não somente uma grande importância para o Partido Comunista da União Soviética e a edificação do comunismo na U.R.S.S., como inauguraram também uma nova etapa no movimento comunista internacional e contribuíram para o seu desenvolvimento sob a base do marxismo-leninismo. Os congressos dos partidos comunistas da China, França, Itália e outros países que se realizaram com sucesso nestes últimos tempos manifestaram duma forma convincente a unidade e coesão das suas fileiras, sua fidelidade aos princípios do internacionalismo proletário*».

No que se refere ao Partido Comunista da União Soviética, fiel à bandeira do marxismo-leninismo ele tem lutado e continuará a lutar por uma melhor coesão do campo socialista, de todo o movimento comunista mundial.

Desenvolvendo uma luta implacável contra o revisionismo e o dogmatismo, defendendo a pureza da teoria marxista-leninista, unindo as suas fileiras e sobre esta base a classe operária e os trabalhadores de todos os países os partidos comunistas e operários enfrentam todos os obstáculos que se levantam na sua marcha e conseguirão novas vitórias na luta pela causa da paz, da democracia, do socialismo.

(«Pravda», 9 de Maio de 1958)



AS DUAS CONCEPÇÕES DO MUNDO

Por MAO TSÉ-TUNG

Na história do conhecimento humano existem desde tempos imemoriais, duas concepções sobre as leis do desenvolvimento do mundo: uma metafísica, a outra dialéctica; constituem duas concepções do mundo opostas. Diz Lênine:

«As duas concepções fundamentais (ou as duas possíveis? Ou as duas historicamente constatadas?) do desenvolvimento (da evolução) são: o desenvolvimento como diminuição e aumento, como repetição, e o desenvolvimento como unidade dos contrários (o desdobramento do uno em contrários que mutuamente se excluem e a sua relação recíproca).» (1)

Lênine refere-se aqui, justamente, a estas duas concepções diferentes do mundo,

Na China, como na Europa, o modo de pensar metafísico foi, durante um período histórico muito longo, próprio da concepção idealista do mundo, e reinou nos espíritos dos homens. Na Europa, o próprio materialismo, na fase inicial da existência do capitalismo, foi igualmente metafísico.

Graças ao facto de toda uma série de Estados europeus terem entrado no decurso do seu desenvolvimento económico e social na fase de um capitalismo altamente desenvolvido, de as forças produtivas, a luta de classes e a ciência terem atingido um nível de desenvolvimento sem precedentes, e do proletariado industrial se ter tornado a maior força motriz da história, nasceu a concepção marxista materialista dialéctica do mundo. Foi então que surgiu no seio da burguesia, ao lado de um idealismo reaccionário confessado, nada camuflado, um evolucionismo vulgar para se opor à dialéctica materialista.

A chamada metafísica, ou o evolucionismo vulgar, considera todas as coisas no mundo como isoladas, em estado de repouso; considera-as unilateralmente. Todas as coisas, existentes no mundo, as suas formas e as suas categorias, são consideradas como eternamente isoladas umas das outras e eternamente imutáveis. E mesmo se reconhecem modificações, é somente como aumentos ou diminuições quantitativas e como deslocação mecânica. Por outro lado, as causas de um tal aumento, duma tal diminuição, duma tal deslocação não residem nas próprias coisas mas fora delas, quer dizer na acção de forças exteriores. Os metafísicos consideram que as diferentes coisas do mundo, assim como o seu carácter específico, permanecem imutáveis desde o começo da sua existência e que as suas modificações posteriores são apenas aumentos ou diminuições quantitativas. Os metafísicos consideram que uma coisa pode somente reproduzir-se a si mesma indefinidamente, mas não pode transformar-se em outra coisa, em algo de diferente. Segundo os metafísicos, a exploração capitalista, a concorrência capitalista, a psicologia individualista da sociedade capitalista, etc., tu-

do isso pode ser encontrado na sociedade escravagista antiga, e o que é mais, na sociedade primitiva e existirá eternamente, imutavelmente. Quanto às causas do desenvolvimento da sociedade, os metafísicos explicam-nas por condições exteriores à sociedade: o meio geográfico, o clima, etc. Eles procuram ingenuamente encontrar as causas do desenvolvimento fora das próprias coisas negando a tese dialéctica materialista segundo a qual o desenvolvimento é suscitado pelas contradições internas peculiares a essas mesmas coisas. Eis a razão porque não estão em condições de explicar a diversidade qualitativa das coisas nem o fenómeno da transformação de uma qualidade em outra. Esta forma de pensar, encontrou a sua expressão, na Europa, nos séculos XVII e XVIII, no materialismo mecanicista e, no fim do século XIX e princípios do XX, no evolucionismo vulgar. Na China, por outro lado, o modo de pensar metafísico que se exprimi na frase «o céu é imutável, imutável é o Tao» (2) foi defendido durante muito tempo pela classe dominante dos feudais, corrompida até à medula. O materialismo mecanicista e o evolucionismo vulgar, importados da Europa no século passado, foram sustentados pela burguesia.

Em oposição à concepção metafísica do mundo, a concepção materialista dialéctica exige que no estudo do desenvolvimento das coisas e dos fenómenos, procedam a partir do seu conteúdo interno, a partir da relação que une a coisa estudada às outras coisas isto é, que o desenvolvimento das coisas seja encarado no seu próprio e necessário movimento que cada coisa no seu movimento e as outras coisas que as cercam sejam encaradas como inter-ligadas e em inter-acção umas sobre as outras. A causa fundamental do desenvolvimento das coisas não se encontra no exterior, mas ao contrário, no interior das coisas: nas suas contradições internas. E da presença de tais contradições, no interior de todas as coisas que lhes advém o seu movimento e desenvolvimento próprios. Esta contradição inerente à própria coisa é a causa básica do seu desenvolvimento, enquanto que a inter-ligação e a inter-acção dessas coisas com e sobre outras coisas são causas secundárias do seu desenvolvimento. Assim pois, a dialéctica materialista, rejeitou resolutamente a teoria metafísica da causa exterior, do impulso exterior, apresentada pelos defensores do materialismo mecanicista e do evolucionismo vulgar. É perfeitamente claro que as causas puramente externas são apenas suscetíveis de provocar o movimento mecânico quer dizer, modificações de volume e quantidade, mas não podem explicar a infinita diversidade qualitativa das coisas e a transformação duma coisa em outra.

Com efeito, mesmo o movimento mecânico, provocado por um impulso exterior, realiza-se igualmente por intermédio das contradições internas das coisas. No mundo vegetal e animal, o simples crescimento, o desenvolvimento quantitativo, são igualmente provoca-

dos, no essencial, pelas contradições internas. E, exactamente, da mesma maneira, o desenvolvimento da sociedade é condicionado, no essencial, pelas causas internas e não externas.

Numerosos países, que se encontram em condições geográficas e climáticas quase idênticas diferem profundamente quanto ao nível do seu desenvolvimento e evoluem de maneira absolutamente desigual. Acrescenta-se, finalmente, que num mesmo e único país sem conhecer modificações geográficas e climáticas se produzem enormes convulsões sociais. A Rússia imperialista tornou-se a União Soviética, socialista, e o Japão insular e feudal, tornou-se o Japão imperialista, se bem que a geografia e o clima destes países não tenham sofrido nenhuma modificação. Na China, onde durante longos anos reinou o feudalismo, enormes modificações se produziram no decurso dos últimos cem anos e actualmente está-se transformando no sentido da criação duma China nova, livre, desembaraçada do jugo feudal; ora, nem a geografia, nem o clima da China se modificaram. É verdade que a geografia e o clima do globo terrestre, assim como das suas diferentes partes, sofreram igualmente transformações, mas em relação aquelas que sofreu a sociedade, estas transformações são absolutamente insignificantes; enquanto que para as primeiras a unidade de tempo durante o qual podem ocorrer modificações sensíveis, é a dezena ou a centena de milénios, para as segundas é o milénio, o século, a década, até mesmo alguns anos ou alguns meses somente (em período de revolução). Do ponto de vista da dialéctica materialista, as modificações da natureza, são devidas fundamentalmente ao desenvolvimento das suas contradições internas, e as que se verificam na sociedade devem-se, no essencial, ao desenvolvimento das contradições no interior da sociedade, nomeadamente, às contradições existentes entre as forças produtivas e as relações de produção, entre as classes, entre o novo e velho. É o desenvolvimento destas contradições que faz avançar a sociedade, e dirige o processo da substituição duma velha sociedade por uma nova.

A dialéctica materialista exclui as causas externas. Não, a dialéctica materialista considera que as causas externas constituem a condição das modificações, as causas internas — a sua base; mais, as causas externas operam por intermédio das causas internas. O ovo que recebeu uma quantidade correspondente de calor transforma-se em pinto, mas o calor não pode transformar uma pedra em pinto, porque as suas bases são diferentes. Os diferentes povos influenciam-se constantemente uns aos outros. Na era capitalista, em particular na época do imperialismo e das revoluções proletárias, a influência recíproca no plano político, económico e cultural e a acção exercida mutuamente pelos diferentes países, uns sobre os outros, são enormes. A revolução socialista de Outubro abriu uma nova era não apenas na história da Rússia mas na do mundo inteiro. Ela influenciou as transformações internas que se produziram nos diferentes países e, do mesmo modo, mas de forma particularmente profunda as transformações internas verificadas na China. Entretanto essas transformações, nos vários países tal como na China, produziram-se segundo uma necessidade interna a ca-

da país. No caso duma batalha em que se opõem dois exércitos, a vitória ou derrota são determinadas por causas internas. A vitória é o resultado do poderio dum exército ou da justeza do seu comando; a derrota é determinada pela fraqueza dum exército ou pela incompetência do seu comando; as causas externas operam por intermédio das causas internas. Em 1927, na China, a derrota infligida ao proletariado pela grande burguesia tornou-se possível pelo oportunismo que se manifestava no próprio seio do proletariado chinês (no interior do Partido Comunista Chinês). Quando pusemos termo ao oportunismo, a revolução chinesa retomou o seu progresso. Depois disso, a revolução chinesa sofreu de novo sérios golpes do inimigo: desta vez em consequência das tendências aventureiristas que se manifestaram no seio do nosso Partido. Quando liquidámos o aventureirismo, a nossa causa retomou uma vez mais o seu progresso. Conclui-se que, para conduzir a revolução à vitória, o Partido deve apoiar-se na justeza da sua linha política e na solidez da sua organização.

A concepção dialéctica do mundo já surgiu na Antiguidade tanto na China como na Europa. Todavia, a dialéctica dos antigos revestia um carácter espontâneo, ingénuo. Em consequência das condições sociais e históricas desses tempos, não podia ainda assumir a forma duma teoria devidamente desenvolvida e, por conseguinte, foi posteriormente suplantada pela metafísica. O célebre filósofo alemão Hegel, que viveu no fim do século XVIII e no princípio do XIX, trouxe uma poderosa contribuição à dialéctica; todavia, a sua dialéctica era idealista. Foi somente quando os grandes militantes do movimento proletário, Marx e Engels, generalizaram os resultados positivos obtidos pela humanidade no decurso do desenvolvimento do conhecimento e, em particular, assimilaram duma forma crítica os elementos racionais da dialéctica de Hegel e criaram a grande teoria do materialismo dialéctico e histórico, que uma revolução imensa, sem precedentes, se produziu na história do conhecimento humano. Esta grande teoria foi depois desenvolvida por Lênine e Stálin. Logo que penetrou na China, esta teoria provocou imediatamente enormes transformações nos domínios do pensamento chinês.

A concepção dialéctica do mundo ensina, sobretudo, a estudar e analisar com justeza o movimento das contradições no seio das diferentes coisas e, sobre a base desta análise, a determinar os métodos próprios para resolver as contradições. Eis porque a compreensão concreta da lei da contradição inerente às coisas é para nós de uma importância extrema.

NOTAS—1) V.I. Lenine: «Sobre a dialéctica»; 2) Na época dos Han, o célebre representante da escola confucionista Tung Tchung-chu (179-104 antes da nossa era) disse ao imperador Ou ti: «O Tao vem do céu. O céu é imutável imutável é o Tao.» A palavra Tao era largamente empregada pelos filósofos da China antiga. Significa «via», «princípio» e igualmente «lei».

(Do ensaio filosófico de Mao Tsé-tung «SOBRE A CONTRADIÇÃO», traduzido de «Oeuvres choisies», vol. I, pag. 347 e seg., Ed. Sociales, e de «On contradiction», Foreign Languages Press, Pequim.)